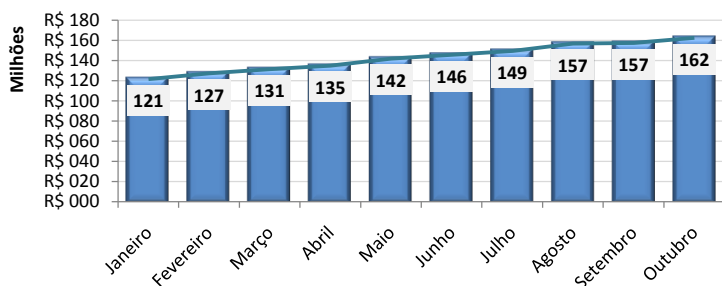




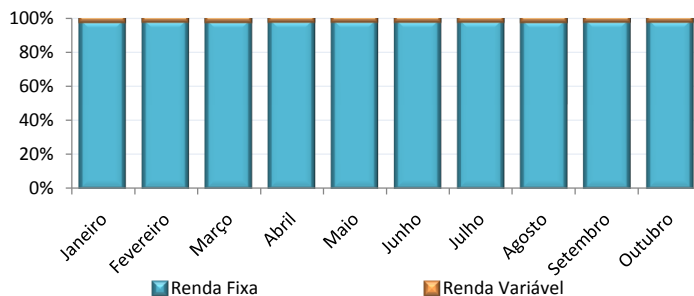
Relatório de Acompanhamento da Carteira de Investimentos

Outubro De 2014

Evolução do Patrimônio no Ano



Distribuição por Segmento no Ano



Enquadramento Legal - Resolução CMN n.º 3.922/10

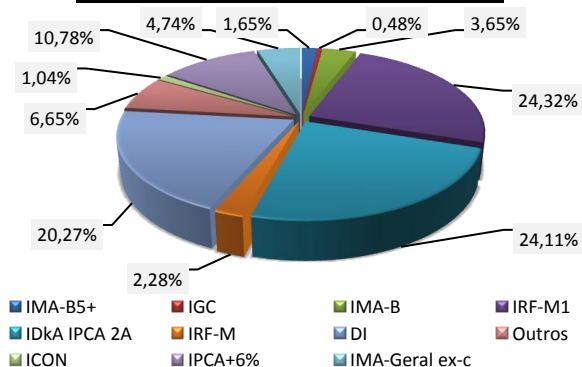
Tipo Fundo	Fundo de Investimento	Enquadramento	Limites Legais por fundo		Rentabilidade do Fundo			Risco	
					out-14	2014	12 Meses	V@R¹	Volatilidade²
b) Renda Fixa									
IPCA+6%	BB IPCA III FI RF PREVID CRÉDITO PRIVADO	Art. 7º Inciso VII b	5%	3,40%	1,32%	12,69%	12,64%	2,69%	5,66%
IDKa IPCA 2A	BB PREVIDENCIÁRIO RF IDKA 2 TP FI	Art. 7º Inciso I b	100%	24,11%	0,89%	10,13%	11,90%	1,31%	2,76%
IMA-B5+	BB PREVIDENCIÁRIO RF IMA B5+ TP FI	Art. 7º Inciso I b	100%	1,65%	2,75%	16,83%	11,19%	9,18%	19,33%
IMA-B	BB PREVIDENCIÁRIO RF IMA-B TP FI	Art. 7º Inciso I b	100%	3,65%	2,09%	14,01%	11,28%	6,30%	13,26%
IRF-M1	BB PREVIDENCIÁRIO RF IRF M1 TP FIC	Art. 7º Inciso I b	100%	19,52%	0,82%	8,43%	10,07%	0,23%	0,49%
IRF-M	BB PREVIDENCIÁRIO RF IRF-M TP FI	Art. 7º Inciso I b	100%	2,28%	1,09%	10,01%	10,41%	1,97%	4,16%
IMA-Geral ex-c	BB PREV. RF IMA GERAL EX-C TP FI	Art. 7º Inciso I b	100%	4,74%	1,37%	11,25%	10,87%	3,03%	6,38%
DI	BB PREVIDENCIÁRIO RF PERFIL FIC	Art. 7º Inciso IV	20%	18,09%	0,98%	9,01%	10,62%	0,04%	0,09%
IPCA+6%	BB RPPS I FI RF IPCA CRÉDITO PRIV.	Art. 7º Inciso VII b	5%	0,90%	0,96%	11,22%	12,94%	0,98%	2,07%
IPCA+6%	BB TP IPCA IV FI RENDA FIXA PREVIDENCIÁRIO	Art. 7º Inciso IV	20%	6,49%	1,13%	8,55%		0,12%	0,25%
Outros	BB TP VIII FI RENDA FIXA PREVIDENCIÁRIO	Art. 7º Inciso IV	20%	6,65%	1,02%	8,00%		2,03%	4,27%
DI	CAIXA BRASIL FI REF DI LP	Art. 7º Inciso IV	20%	2,18%	0,95%	8,90%	10,53%	0,02%	0,05%
IRF-M1	CAIXA BRASIL IRF-M 1 TP FI RF	Art. 7º Inciso I b	100%	4,80%	0,83%	8,54%	10,20%	0,23%	0,48%
Total em Renda Fixa				98,48%					
b) Renda Variável									
ICON	BB AÇÕES CONSUMO FIC	Art. 8º Inciso III	15%	1,04%	5,79%	14,60%	13,36%	14,85%	31,28%
IGC	BB PREVIDENCIÁRIO AÇÕES GOVERNANÇA FI	Art. 8º Inciso III	15%	0,48%	3,16%	8,02%	3,95%	17,33%	36,49%
Total em Renda Variável				1,52%					

* As informações desses fundos (rentabilidade, VaR e volatilidade) foram extraídas do software Quantum Axis, calculado com base nos últimos doze meses.

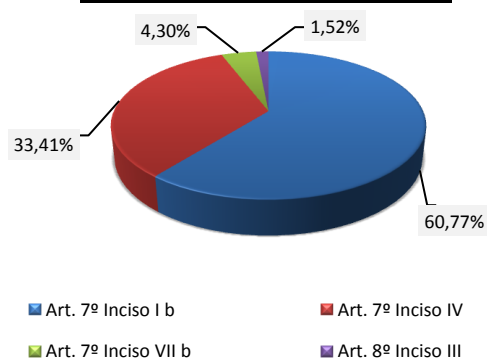
¹ A medida de risco do fundo utilizada é o V.A.R. - Value at Risk, que indica a maior perda esperada com base em simulação histórica, para o intervalo de 1 (um) dia e nível de confiança de 95%. É expresso em % sobre o Patrimônio Líquido do fundo. Ex.: para cada R\$ 1 milhão aplicado em um fundo com VaR igual a 0,10%, a perda máxima esperada para 1 dia é de R\$ 1 mil.

² Volatilidade: A volatilidade é uma medida de risco dos fundos. Formalmente, a volatilidade de um fundo é o desvio padrão da série de retornos do mesmo. Quanto maior a volatilidade de um fundo, maior o seu risco.

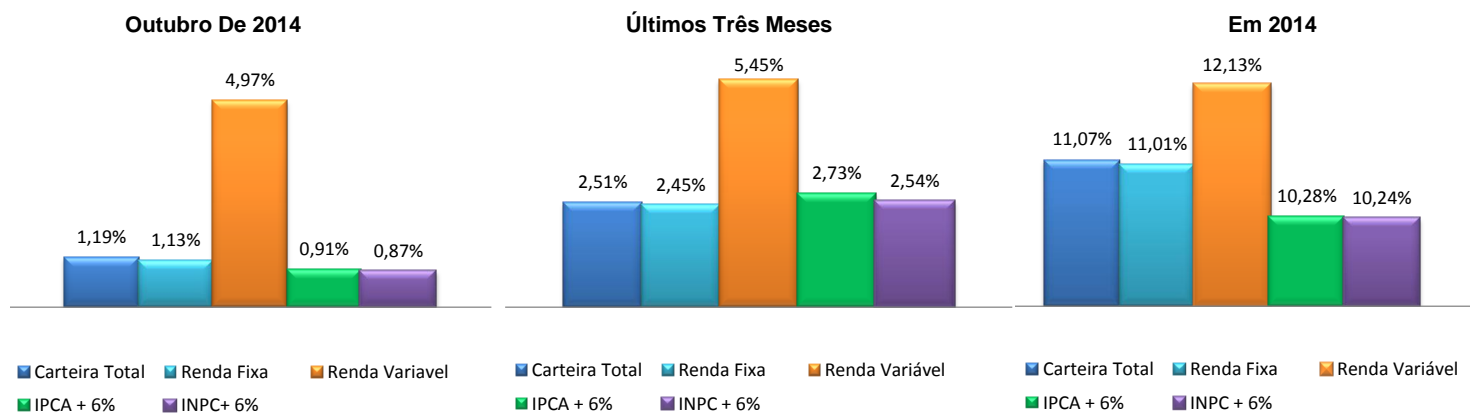
Distribuição por Parâmetro de Rentabilidade



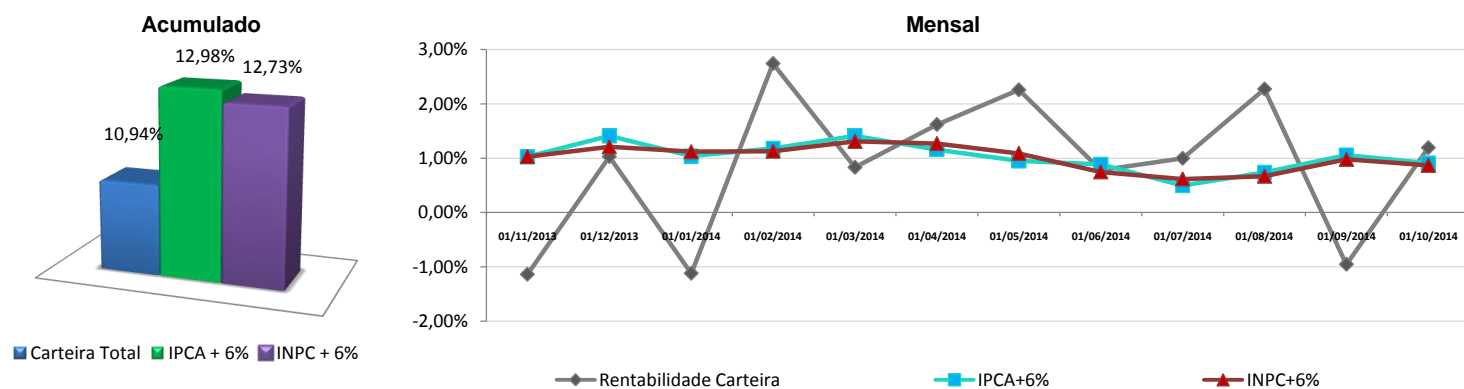
Distribuição por Enquadramento Legal



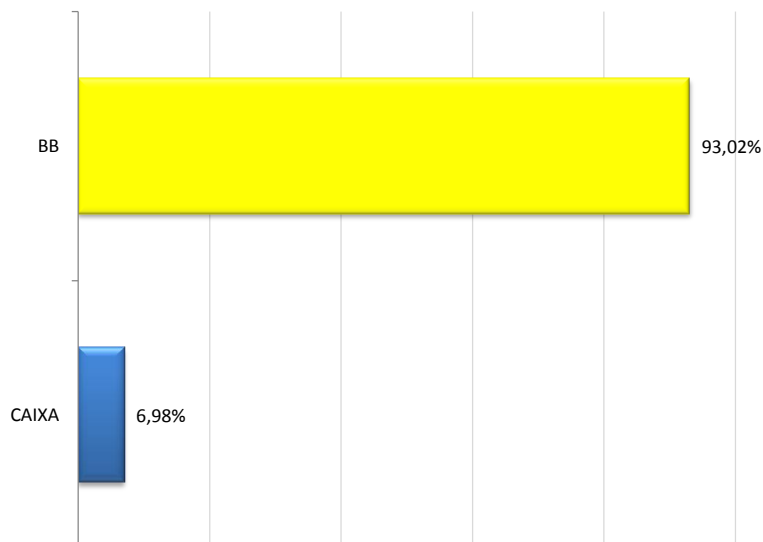
Rentabilidade da Carteira Total comparada com as Carteiras de Renda Fixa, Renda Variável e Meta Atuarial



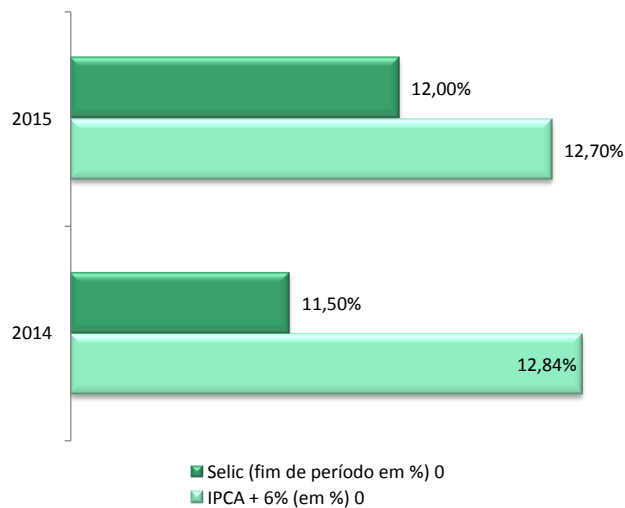
Rentabilidade da Carteira x Meta Atuarial nos últimos doze meses



Total por Instituição Financeira

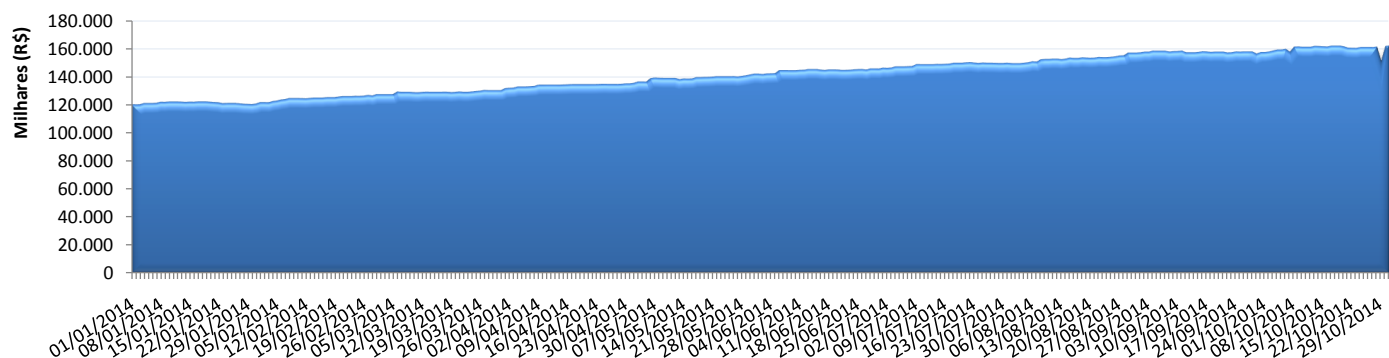


Projeção de Indicadores de Mercado

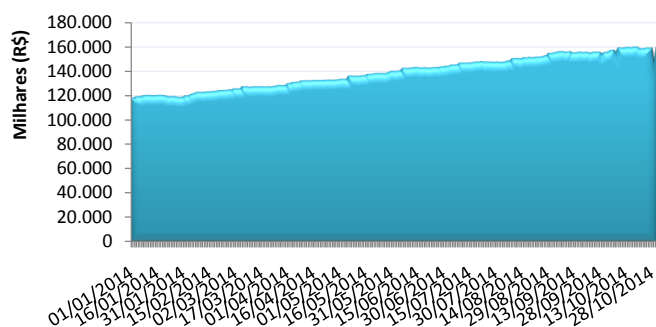


Fonte: Relatório Focus Banco Central - 07/11/2014

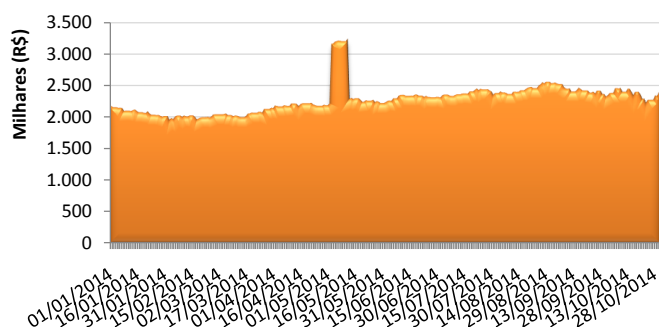
Evolução do Patrimônio Líquido no Ano - (em valores diários)



Evolução dos Investimentos em Renda Fixa no Ano

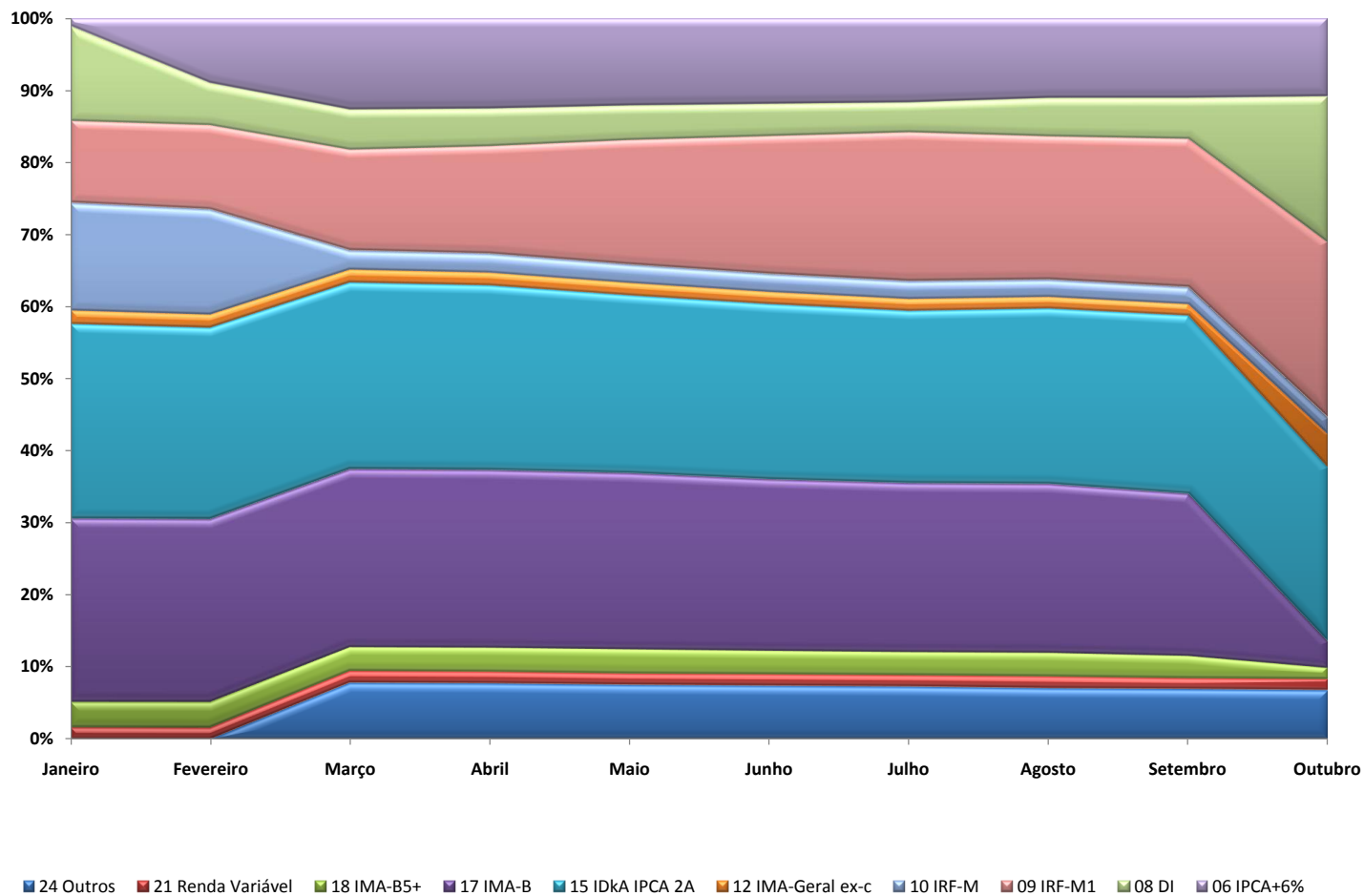


Evolução dos Investimentos em Renda Variável no Ano



Retorno dos Indicadores					
INDICADORES	Rentabilidade em Outubro	Rentab Trimestre	Rentab. Semestre	Rentabilidade em 2014	Rentab. 12 Meses
CDI	0,94%	2,73%	5,44%	8,85%	10,48%
IBOVESPA	0,95%	-2,15%	5,81%	6,06%	0,69%
IBRX	0,95%	-1,82%	5,10%	5,65%	0,33%
ICON	5,95%	8,07%	16,41%	15,24%	14,33%
IDIV	-5,62%	-11,41%	-4,67%	-5,35%	-10,60%
IDkA IPCA 2 Anos	0,87%	2,08%	5,96%	10,39%	12,17%
IDkA IPCA 20 Anos	4,99%	6,00%	17,75%	24,16%	10,47%
IEE	-4,15%	-6,76%	2,34%	0,77%	-4,92%
IGC	3,22%	1,31%	7,97%	8,19%	4,15%
IMA Geral ex-C	1,43%	2,55%	6,89%	11,34%	10,99%
IMA-B	2,08%	3,22%	8,90%	14,32%	11,66%
IMA-B 5	0,94%	2,31%	5,86%	10,44%	11,73%
IMA-B 5+	2,73%	3,86%	11,02%	16,97%	11,43%
INPC+6%	0,87%	2,54%	5,07%	10,24%	12,73%
IPCA+6%	0,91%	2,73%	5,15%	10,28%	12,98%
IRF-M	1,14%	1,99%	6,00%	10,19%	10,63%
IRF-M 1	0,86%	2,54%	5,39%	8,72%	10,42%
IRF-M 1+	1,24%	1,64%	6,30%	10,96%	10,75%

Evolução da Carteira por Distribuição de Produtos



Considerações

A exacerbação das preocupações de que o crescimento global viesse a decepcionar analistas e investidores levou os índices de aversão ao risco ao patamar mais elevado dos últimos três anos ao longo do mês de outubro, impactando mercados. O estopim do movimento foi a citação, na ata da reunião do Federal Reserve (FED, o BC dos EUA) de setembro, de que o menor crescimento global seria um risco a ser considerado pelo Fomc no processo de normalização da política monetária norte-americana. Posteriormente, o próprio FED, em sua reunião de outubro, adotou um tom mais confiante, confirmando a idéia de que os mercados superestimaram tal preocupação. Assim, num mês que ficou marcado pela forte volatilidade e por mais uma ação agressiva de um banco central do G-4, o S&P500 (bolsa norte-americana) voltou a renovar sua máxima histórica. O tom mais cauteloso presente na Ata do Fomc de setembro – divulgada no início de outubro – surpreendeu os mercados ao revelar que diretores do FED entendiam a apreciação do dólar e o enfraquecimento da demanda externa como um risco ao crescimento e à inflação norte-americana. Tal preocupação surgiu num ambiente de dados mais fracos na Europa, em particular na Alemanha – no início do mês, a prévia do PMI alemão recuou para 49,9, ao passo que a produção industrial de agosto cederia 4%. Tal surpresa negativa também havia se verificado na China, quando dados de atividade industrial de agosto decepcionaram. Assim, em meio ao risco cada vez mais presente da disseminação global do vírus ebola, os mercados financeiros passaram por forte realização em meados de outubro, com a bolsa norte-americana deixando as máximas (o S&P500 recuou para baixo de 1.900 pontos) e os juros dos títulos do Tesouro dos EUA (Treasuries) sendo negociados abaixo dos 1,90%. Entretanto, as últimas semanas revelaram que a princípio tais riscos foram superestimados. O próprio FED, em sua reunião ordinária de outubro, adotou um tom mais confiante, bem diferente do presente na última Ata do Fomc, apresentando uma avaliação mais positiva da economia, em particular do mercado de trabalho doméstico, para o qual a avaliação deixou de apontar um excesso de ociosidade. As próprias prévias dos PMI's de outubro (indicador antecedente cujo índice abaixo/acima de 50 sugere contração/expansão da atividade), divulgadas na última semana do mês, ajudaram a reduzir os receios com crescimento global: os índices superaram as expectativas na Zona do Euro (alta de 50,3 em setembro para 50,7 em outubro, sendo o primeiro avanço em seis meses) e no Japão (atingiu 52,8, maior nível em sete meses), ao passo que nos EUA o nível seguiu bastante favorável, compatível com uma expansão do PIB superior a 3%. Assim, num ambiente de redução da aversão ao risco e de surpresa com uma ação mais ousada do BoJ (o Banco Central japonês anunciou no fim do mês a extensão, em 20 trilhões de ienes, de seu programa de compra de ativos, o que significa injeção adicional de liquidez no sistema financeiro), em meio a favoráveis resultados corporativos sendo divulgados nos EUA, os preços dos ativos recuperaram-se e reforçaram a avaliação de que os mercados exageraram ao incorporar aos preços uma significativa desaceleração da economia global e americana no início de outubro. No Brasil, o mês também foi marcado pela forte volatilidade, refletindo as indefinições quanto ao processo eleitoral doméstico. A grande surpresa ficou por conta da decisão do Banco Central brasileiro de elevar em 0,25p.p., para 11,25%, a taxa Selic, dando início a um processo de aperto monetário, ao passo que os mercados esperavam estabilidade da taxa de juros ao menos até o final do ano. O reflexo do movimento foi uma forte correção na curva de juros, sobretudo nos contratos mais curtos, mais associados à condução da política monetária doméstica.

A carteira de investimentos do RPPS de Rio Branco AC destaca-se pelo elevado grau de diversificação financeira, desde índices de renda fixa (prazo curto e longo) até investimentos na renda variável. A diversificação dos ativos protege o portfólio nos momentos de oscilação das taxas de juros e ao mesmo tempo captura rendimentos expressivos em momentos de estabilidade no longo prazo.